



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor: — **Dr. Manuel Marques dos Santos**
Composto e impresso na União Grafica, Rua do Santo Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — **Padre Manuel Pereira da Silva**
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA DE FÁTIMA

A vida religiosa nos santuários

No dia treze de Fevereiro último, mercê do tempo agreste e chuvoso que fazia, a comemoração oficial das aparições e dos sucessos maravilhosos realizou-se, pela segunda vez, em recato fechado sendo a última na linda e vasta igreja da Penitenciária. O calendário eclésiástico marcava nesse dia a quarta feira de Cinza. O tom festivo das solenidades tradicionais casava-se admiravelmente bem com o roxo dos paramentos litúrgicos e com o ambiente de suave tristeza que as preces e os ritos da Igreja criavam então naquele local bemdito.

Vai começar uma das quadras mais importantes do ano religioso, o santo tempo da Quaresma, que nos recorda os quarenta dias que Jesus passou no deserto, orando, jejuando e triunfando do demónio. É um tempo de oração e de penitência, é uma época de reforma e de santificação.

Eis agora o tempo favorável, eis agora os dias de salvação, como proclama a Igreja, servindo-se das palavras do Apóstolo das gentes. Neste período abençoado do ano, os fiéis aproximam-se mais vezes e com mais fervor dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia, que são a fonte perene e inexgotável de toda a graça e de toda a santidade...

E ao raiar a estação encantadora da Primavera, as almas, já purificadas no cadinho salutar da contrição e nutridas com a carne sacrosanta do Cordeiro sem mancha, exultam cheias de júbilo, como a natureza, que ostenta as suas galas mais ricas e mais formosas, desabrochando em flores e desentranhando-se em perfumes, e cantam com entusiasmo os hosanas e as aleluias da Ressurreição.

Efectuaram-se, na forma costumada, as duas procissões para a condução da veneranda Imagem de Nossa Senhora do Rosário da capela das Aparições para a igreja da Penitenciária e recondução da mesma Imagem da igreja para a capela.

A missa dos doentes, cujo número era muito reduzido, foi celebrada ao meio-dia solar no altar-mor da igreja da Penitenciária.

Prêgou no fim o rev. do dr. Marques dos Santos, professor no Seminário de Leiria e capelão da Associação dos servos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que tomou para tema da sua instrução a necessidade do arrependimento e a prática da virtude da penitência, recomendada pela Santíssima Virgem aos pastores de Aljustrel e encarecida pela Santa Igreja nas diferentes partes da missa e do officio do dia.

Duas almas aos pés da Virgem

Duas senhoras piedosas de Lisboa, em plena florescência duma juventude radiosa e bela, movidas pela sua acrisolada devoção á Rainha do Céu, partem, alegres e felizes, em demanda de Fátima, a

pérola de Portugal. Irmãs na idade, pois nenhuma tem ainda trinta primaveras, parecem ser também irmãs pelo sangue. Uma delas, sobrinha dum dos vultos políticos mais eminentes e mais prestigiosos da nossa Pátria, já falecido, recebeu uma educação esmeradíssima no seio de sua família, cultivando e desenvolvendo a primor os singulares dotes de inteligência e de coração que Deus lhe prodigalizou. Há pouco mais dum ano, prostrada, de joelhos, no solo bemdito que a Rainha dos Anjos sagrou com os seus pés virgínicos, diante do Divino Rei de amor es-

tiro espiritual, como preparação para essa viagem de Fé e penitência, que para muitas almas costuma ser o prólogo duma enchente de graças e benções celestes. Conhecendo melhor a Deus desde há um ano e recebendo-o com frequência escondido no seu Sacramento de Amor, essa alma extraordinária, alma de apóstola e de santa, que em tão pouco tempo adquiriu um conhecimento tão profundo dos caminhos mais difíceis da vida ascética, aneia por subir cada vez mais na escala da perfeição especial a que sente Deus chamá-la amorosamente, sem que

ray-le-Monial, pede instantemente a oração, a renúncia, o sacrifício, em expiação de todos os crimes que se cometem. Ai de nós, se não aparecerem almas puras e generosas que se ofereçam a Deus para se consagrarem á obra necessária, urgente e inadiável da reparação das culpas! Ai de nós, se, num dos pratos da balança da Justiça Divina, vítimas, muitas vítimas voluntárias, não fôrem lançar o peso das suas renúncias, dos seus sacrifícios, das suas imolações compensadoras!

Nossa Senhora de Fátima e o Papa-Rei

Quando o último número da «Voz da Fátima», na sua crónica do dia treze de Janeiro, inseria, sob a epigrafe «Fátima e o Sumo Pontífice», a consoladora notícia de que Sua Santidade o Papa Pio XI, felizmente reinante, em audiência concedida aos alunos do Colégio Português, em Roma, a 9 do mesmo mês, oferecera a cada um duas estampas de Nossa Senhora de Fátima, uma para eles e outra para suas famílias, com a recomendação de orarem pelo Papa, mal supunha o articulista que, a menos dum mês decorrido, o Sumo Pontífice se veria cingido dum novo esplendor, á face do mundo inteiro, graças á solução da chamada «questão romana».

Este acontecimento importantíssimo, talvez o mais notável do século vinte, pelas suas consequências internacionais, mais formidáveis e mais assombrosas que as da própria grande conflagração europeia, representa, na frase de «El Debate» de Madrid, um triunfo de ordem espiritual, uma vitória do direito da moral e do bem sobre todos os interesses da matéria e da força.

O Vigário de Cristo na terra vê reconhecida por esta forma a plenitude e o animoda independência do seu poder espiritual, depois de cincoenta e oito anos de cativo voluntário no palácio do Vaticano, como protesto contra o esbulho violento dos Estados Pontifícios, definitivamente consumado pelo governo italiano com a tomada de Roma em 20 de Setembro de 1870.

Mussolini, o grande génio que salvou a Itália do cahos político e social em que se debatia, proclama no dia 11 de Fevereiro, em que os plenipotenciários da Santa Sé e do Rei de Itália assinam o memorável acôrdo na sala dos Papas de S. João de Latrão, que «é um dos dias mais felizes da sua vida esse em que levava a paz definitiva ao povo italiano». O ministro da Itália junto do governo português afirma que «só por si esta data permanecerá em evidência entre aquelas que marcam novos passos no caminho dos povos e das instituições». O nosso ministro junto do Quirinal declara que «como católico, como português e como nacionalista, sente grande satisfação pelo feliz termo da questão romana, classificando-o



Grupo de Hospitaleiros, do Porto, que prestaram relevantes serviços na Fátima, na peregrinação do ano passado

condido na Hóstia Santa e junto da augusta Imagem da Virgem do Rosário, ouviu a voz do Esposo celeste, convidando-a para as núpcias místicas da vida religiosa, que é o Paraíso na terra. A luta intensa, que desde esse momento se travou entre a sua consciência e o seu coração, teve por epilogo a vitória da consciência, que sobrepoz a glória de Deus e os interesses superiores da alma ás vantagens que o mundo oferecia e ás conveniências da família que, dando um dos seus membros ao serviço do Senhor, sabe que, longe de o perder, assegura mais eficazmente a sua posse e atrai sobre si as mais preciosas bênçãos do Alto. Novamente de volta a Fátima, agradece com o mais vivo reconhecimento a graça da vocação, que Jesus lhe outorgou pelas mãos de sua augusta Mãe, e a alegria que lhe inunda o coração reflecte-se no seu rosto, «onde, segundo a frase expressiva dum grande apóstolo de Nossa Senhora em carta que escreveu ao articulista, aquela criatura privilegiada parecia trazer todo o Céu na alma».

A outra senhora, diplomada por uma das nossas Universidades, onde conquistou os louros das mais elevadas classificações, figura de destaque nos cenáculos literários da capital, visitava pela primeira vez a Lourdes portuguesa, tendo feito, durante os dias de Entrudo, um re-

por enquanto possa discernir com segurança se Ele a quere entre os duros espinhos do século ou entre as flores mimosas do claustro. Como sucedia há um ano com a sua ditosa companheira de viagem, trava-se agora também na sua bela alma um rude combate, mas a rectidão da sua consciência bem formada e a generosidade do seu coração bom e puro hão-de triunfar de todos os obstáculos, para que, se o chamamento do Senhor se fizer ouvir claramente, dela se possa dizer o que, no doce remanso de Betânia, o Divino Mestre disse a Santa Marta a respeito de sua irmã: «Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada: *Maria optimam partem elegit quae non auferetur ab ea*».

Como proclamava Victor Hugo, na câmara dos deputados de França, é necessário que haja almas que orem por aquelas que não oram e que expiem os pecados individuais e as iniquidades colectivas com a sua vida de virtudes e de sacrificios, impedindo, como outros tantos pára-raios, que a Justiça de Deus se desencadeie inexorável e subverta totalmente o mundo.

Em todas as grandes revelações da história, em Pellevoisin, em Pontmain, em La Salette, em Lourdes e, mais recentemente, em Fátima, a Virgem bemdito, como o Sagrado Coração de Jesus em Pa-

como um dos maiores factos da história do mundo e dá graças a Deus por lhe ter permitido viver para assistir ao desenrolar de scenas inolvidáveis. O ministro da justiça do nosso governo frisa, que «esse acontecimento é da mais alta importância histórica, quer seja considerado sob o ponto de vista exclusivamente italiano, quer no ponto de vista internacional».

Os grandes órgãos da imprensa em todo o mundo enchem as suas colunas com notícias e comentários relativos á solução da questão romana, que, no dizer da «Kreuzgazzett», órgão nacionalista alemão, contribui enormemente para a paz do mundo.

Os governos de todas as nações apressaram-se a felicitar o Sumo Pontífice, tendo sido o da França o primeiro que o fez, por intermédio do seu embaixador junto do Vaticano.

Em Roma, na praça de S. João de Latrão, após a assinatura do acôrdo, mais de cincoenta mil pessoas aclamam com um entusiasmo delirante o Cardeal Secretário de Estado e Mussolini e entram na Basílica cantando o «Credo». Nas ruas e praças da cidade eterna, realizam-se grandiosas manifestações de regosijo, em que tomam parte pessoas de todas as classes e condições sociais, agitando bandeiras da Santa Sé e da Itália.

Os edificios públicos e particulares iluminam as suas fachadas. Na praça de S. Pedro, a maior do mundo, os regimentos do exército italiano e as legiões do Fascio apresentam armas, ao mesmo tempo que uma multidão de duzentas e cincoenta mil pessoas se prostra de joelhos, sob uma chuva torrencial, quando Pio XI do alto da loggia exterior da Basílica de S. Pedro, dá, pela primeira vez, depois do reconhecimento da sua soberania temporal, a bênção apostólica *urbi et orbi*.

Mais uma vez se verificou a profecia atribuída a S. Malaquias que, referindo-se ao actual Pontífice, diz:

«Pius undecimus, rex Romae; victoria sancta, certissima (Pio onze, rei de Roma; vitória santa, certissima). Honra ao grande e imortal Pio onze, o Papa da Paz de Cristo no Reino de Cristo!

«Que o Senhor o conserve e o vivifique, e o faça feliz na terra, e o não entregue nas mãos dos seus inimigos».

Nossa Senhora de Fátima em Espanha

Como era de esperar, a Espanha católica, fidalga e cavalheiresca, não podia ficar atrás das demais nações nos testemunhos da sua devoção para com a Virgem Santíssima, no seu Santuário de Fátima, onde se dignou erguer um novo trono do seu amor para esparzir torrentes de graças e bênçãos sobre o mundo inteiro. A importante revista ilustrada «Los santuarios católicos», órgão do Fomento Nacional de Peregrinações, que sai mensalmente á luz da publicidade em Figueras (Girona), inseriu no seu número de Outubro próximo findo, como já se disse, um breve mas succulento relato do movimento religioso da Lourdes portuguesa. Por notícias ultimamente recebidas na redacção da «Voz da Fátima», sabe-se que esse órgão da imprensa católica do reino visinho se propõe ocupar-se com grande desenvolvimento, no seu número do próximo mês de Abril, de tudo quanto se refere aos prodígios operados no que ela chama «novo e importante santuário», fazendo acompanhar o respectivo relato de numerosas gravuras, sendo uma de Nossa Senhora de Fátima na página exterior da capa.

Também a notável revista dominicana «El Santísimo Rosário», que se publica em Vergara (Guipuzcoa), depois de ter dedicado nos números anteriores vários artigos a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, insere no número de Fevereiro último um longo e interessante artigo subordinado ao título «Los Videntes de Fátima», acompanhado da gravura das três crianças privilegiadas pela Virgem Santíssima, e um relato circunstanciado das curas mais importantes dos últimos tempos obtida por intercessão da bemdita Senhora Aparecida.

Esse artigo é assinado pelo rev. do Fr. Benito Mateos, O. P., de Las Caldas, que o ano passado veio expressamente a Portugal visitar o glorioso Santuário de Fátima.

Visconde de Montelo

Quantas vezes estive entre os homens, fiquei menos homem.

Sêneca

AS CURAS DE "FÁTIMA",

Cegueira.

Maria Augusta Dias, de 50 anos, moradora em *Alter do Chão* (Alentejo), encontrando-se cega, consultou alguns especialistas de Lisboa e voltando desenganada, recorreu a N. Senhora da Fátima e á terceira ou quarta loção com água da Fátima, achou-se repentinamente curada.

Eis a cópia da carta escrita pelo Snr. Dr. Gama Pinto ao Snr. Dr. Egas Moniz:

«Essa doente tem atrofia dos nervos ópticos, provavelmente de origem tábica. Um dos olhos está completamente cego, o outro mal percebe a luz. Teem-lhe feito tratamento com 914, bismuto e mercúrio. Ainda tem estomatite.

Veja se lhe quer fazer alguma coisa pelo lado soroalógico, pelo oftalmológico deve perder-se a esperança.

(a) Gama Pinto.

Carta do Snr. Dr. A. Borges de Sousa ao Snr. Dr. Egas Moniz, Director da Consulta de Oftalmologia do Hospital de S. José:

«Lisboa, 22 de Janeiro de 1929

Meu caro Egas Moniz

D. Maria Augusta Dias tem uma atrofia praticamente total das duas pupilas. O exame dos olhos aponta fortemente *partalus*.

Claro que nada tenho que lhe fazer e aconselhei-a a procurar o Egas Moniz para ver se com os seus recursos a anima um tanto.

Seu m.to ad.or e obg.do

(a) Borges de Sousa.

Outra carta. Esta é do Snr. Dr. Alfredo da Fonseca, 1.º Assistente do Instituto de Oftalmologia, ao Snr. Dr. Luiz Pacheco:

«Lisboa, 23 de Janeiro de 1929.

Ex.mo Sr. Dr. Luiz Pacheco

A Sr.ª D. Maria Augusta Dias tem atrofia nos nervos ópticos com visão abolida de ambos os lados. Teve Wasserman positivo fortemente e fez tratamento mercurial por injeções intramusculares e intravenosas em *Alter do Chão*.

Peço-lhe a fineza de proceder ao exame neurological e de animar a doente, que está muito deprimida.

Muito agradece e cumprimenta o

Seu colega m.to obg.do

(a) Alfredo da Fonseca.

Foi depois desta negra desilusão que o snr. Manuel Maia, genro da miraculada, em carta ao Snr. Augusto Reis, considerado industrial desta cidade, bem conhecido pelas suas profundas convicções religiosas, pediu que lhe enviasse água da Fátima. Mal tinha tempo de chegar a encomenda ao seu destino recebeu o mesmo Snr. Reis o seguinte telegrama:

«Alter do Chão, 4 de fevereiro.

Minha sogra, acaba recuperar vista. Atribuo agua Fátima. Os meus agradecimentos. Maia».

Dez dias depois recebeu-se a seguinte carta onde o caso vem detalhadamente relatado:

«Alter do Chão, 14 de Fevereiro de 1929

Meu presado Amigo

Tenho em mão a sua estimada carta de 11 do corrente, que muito agradeço. Os meus maiores votos para que se encontre de boa saúde, em companhia de sua Ex.ma familia.

Peço me desculpe o não lhe ter dado as minhas notícias em seguida ao recebimento do seu telegrama, mas, não calcula o meu Amigo o quanto me falta o tempo para tratar dos meus assuntos particulares, motivado pelos imensos afazeres diários que me traz o meu cargo.

O telegrama que aí recebeu foi de facto enviado por mim, e, as suas palavras, rezumiam o acontecimento passado momentos antes em minha casa, o qual passo a descrever mais pormenorizadamente, visto ser esse o seu desejo.

Há cerca de uns 8 mezes, minha sogra

começou a sentir desaparecer a vista lentamente, bem como uma fraqueza geral, que a impedia de trabalhar e que nos obrigou a acordar na sua ida a Lisboa, no intuito de consultar um médico especializado nessas doenças. Por indicação de uma pessoa de nossa familia consultamos o Dr. Americo Pinto da Rocha, que desconfiou da existência da sífilis e, tirando-lhe o sangue para análise, deu fortemente positivo, motivo porque lhe começou a fazer o tratamento de 914, dando-lhe no intervalo dessas injeções umas outras, de que me não lembra agora o nome. Este tratamento durou aproximadamente uns 2 meses, sentindo a doente umas pequenas melhoras, o que a levou a vir-se embora para o Alentejo, trazendo uma carta do referido médico para o seu colega daqui, que continuou e seguir á risca as suas prescrições, apenas com a diferença de lhe dar as injeções nas nádegas, quando o outro lhas dava nas veias.

As melhoras que trazia de Lisboa foram-se dissipando a pouco e pouco, e, á medida que lhe davam as injeções sentia faltar-lhe a vista.

A ultima injeção foi-lhe dada no dia 3 de Janeiro p. p.do, sendo a que lhe fez pior, porque lhe roubou mais um grande bocado de claridade.

Entretanto, tive que sair para aí no dia 12 de Janeiro p. p.do, depois do que fui á Figueira da Foz, Barquinha e Abran-



MARIA AUGUSTA DIAS

tes, regressando em 16 do citado mês, e, quando entrei em casa, deparou-se-me um quadro bem triste. Minha sogra tinha cegado por completo ha umas duas horas. Calcule o meu amigo o estado em que fiquei e encontrei minha mulher; não lho descrevo, porque o meu cérebro não encontra termos apropriados para semelhante dor. Só lhe digo que foi horrível.

Passadas as primeiras horas veio a reacção e a resignação, e resolvi levá-la a Lisboa para consultar os médicos de mais reconhecida competencia em doenças de olhos, o que fiz, saindo daqui no dia 21 de Janeiro. O primeiro a ser consultado foi o Dr. Gama Pinto, aliás brusco em demasia, embora seja uma grande competencia. Assim que viu a doente torceu o nariz, e disse-me categoricamente que não tinha cura, mandando-me para o Dr. Egas Moniz, acompanhado de uma carta de que junto cópia.

No dia imediato fomos ao referido médico, e, succedeu precisamente a mesma coisa, disse-me também que não era possível recuperar a vista, e, receitou unicamente para descargo de consciencia, umas grammas de iodeto de sódio com agua destilada. Não fiquei conforme com estas duas opiniões, conservando ainda uma vaga esperança, motivo porque fui consultar o Dr. Borges de Sousa, que depois de ver a doente minuciosamente, me disse também não ser possível a cura, mandando-me novamente acompanhado de uma carta para o Dr. Egas Moniz, a qual junto, e que não entreguei, porque como atrás digo já lá tinha estado.

Ainda não desiludido com estas 3 consultas, fui ao Dr. Alfredo da Fonseca, 1.º Assistente do Instituto Oftalmológico, homem que também goza de uma grande fama. Fez um exame demorado aos olhos da doente, depois do que me declarou igualmente não ter cura a doença, mandando-me acompanhado de uma carta que também incluo, para o Dr. Luiz Pacheco, aonde não fui por a doente ter

declarado terminantemente que não queria ir a mais nenhum médico.

Pode calcular o meu Amigo o desapontamento em que fiquei, depois de ouvir as opiniões de 4 médicos reputados os mais habéis e inteligentes, os quais eram unanimes em afirmar que a doença não tinha cura, demonstrando além disso conhece-la a fundo, porque elles próprios descreviam os seus sintomas mais insignificantes com uma precisão matemática, prova evidente que lhe não era extranha, não é verdade?

Depois de todas estas demarches, só nos restava vir novamente para casa, e, foi o que fizemos no dia 24 de Janeiro, após o que escrevi ao meu Amigo, visto a doente ter imensa Fé com N. S. de Fátima, pedindo-lhe a fineza de me enviar uma vasilha com agua de Fátima, que chegou cá no dia 30 de Janeiro. No dia 31 á noite lavou os olhos com a Milagrosa agua, repetindo essa operação nos dias 1, 2 e 3 do corrente; no dia 4 de manhã acordou ainda cega, levou-lhe a creada o café á cama e tomou-o ainda sem vêr, mas, daí por uns minutos, sentou-se na cama para pedir a roupa no intuito de se vestir e levantar, e, qual não é o seu espanto, quando vê distintamente a cama; pareceu-lhe um sonho, olhou em redor e viu também o mobiliário do quarto, e como começasse a chorar, acudiu imediatamente a creada que ouviu da sua boca o Milagre, indo a seguir chamar minha mulher que ainda estava deitada, que por sua vez me mandou chamar a mim ao escritório, aonde já me encontrava, comunicando-me a boa nova.

Calcule o meu Amigo a alegria que se apoderou de nós todos, e, que contraste com a tristeza atrás descrita, que por ser tamanha, também não encontro frases para a definir.

Todos estes acontecimentos além de serem verdadeiros são bem concludentes e claros, razão porque autorizo o meu Amigo a fazer deles o uzo que entender, o que faço com bastante satisfação.

Que devemos pensar dum caso desta natureza?

Ouvidos os médicos mais competentes, dizem sem a menor duvida que o mal não tem cura. Começa a doente a lavar os olhos com agua de Fátima, e, passados apenas 4 dias recupera a vista. Cada um fica no que lhe parece, mas, para nós, a unica explicação concreta que o facto tem, é um verdadeiro Milagre. Portanto, Gloria a Deus e Graças a N. S. de Fátima, que me trouxe novamente a alegria ao meu lar, e o socêgo ao meu espirito e ao de minha familia.

Por este correio em separado e sob registo envio a latinha que conduziu a agua, depindo-lhe o favor de quando lhe fôr possível a enviar novamente cheia, para cujas despesas do correio inclue esc. 4\$50, já que o meu Amigo nada quiz levar pela primeira embalagem. Há aqui um pequenito céguinho a quem demos uma garrafa da agua Milagrosa, pedindo a N. S. de Fátima se lembre também dêle coitadinho. Além desta garrafa outras temos pedidas e oferecidas, porque me custa muito dizer que não e nem tenho coragem para isso. O Milagre que houve em minha casa é do conhecimento de toda esta gente, e, num instante se espalhou por toda a vila.

Não sou por hoje mais extenso, terminando por apresentar os nossos respeitos a sua Ex.ma esposa e demais familia, e, agradecendo mais uma vez a cota parte que lhe devo na alegria que usufruimos novamente.

Dispônda do amigo certo que o abraça

(a) Manuel Maia

Nevralgias.

José Dias de Almeida, assinante da *Voz da Fátima*, natural do Vidual de Cima (Pampilhosa da Serra), actualmente residente em França (Sèvres), pedindo a publicação, envia-nos daqui a seguinte carta:

«No dia 25 do passado mês de dezembro de 1928, deu-me um ataque de nevralgia no braço esquerdo de forma que a mão inchou e ficou tolhida de maneira que não podia levar o pão á boca nem vestir-me, completamente paralisada.

Ora eu tenho aqui uma imagem de Nossa Senhora da Fátima que me mandou uma filha que tenho. E' ela a que recebe o jornalzinho e mo manda depois para aqui.

Na miséria em que me via, lembrei-me de Nossa Senhora, tirei a imagem donde a tinha e disse: «O' Santa Mãe de Deus, olhai como está esta minha mão, tende

compaixão de mim, curai-me pelas Cinco Chagas do vosso Filho Amado, e eu vos prometo de ir a Fátima ver-Vos e rezar um Rosário de joelhos juntamente com minha mulher e mandarei pregar um sermão».

Coloquei a Santa imagem em cima da mão paralisada e começou a carne a pular entre os dedos. A mão estava fria como gelo e começou a pôr-se vermelha e o inchaço a abater.

Isto foi no dia 26. Estava presente quando esta promessa fiz Manuel Vicente da freguezia de Fátima.

O milagre foi tão rápido que no dia 27 já levantava uma cadeira na mão á altura de três metros e hoje encontro-me bom como era antes, graças á Virgem Mãe e logo que regresso a Portugal a irei visitar com todo o prazer e cumprir a minha promessa.

Além do dito Manual Vicente, foram testemunhas do facto Joaquim Maria, Matos Fernandes, Joaquim Fernandes, Adelino da Cruz e José Pereira, residente em Sèvres na mesma casa (Grande Rue, 58).

NUMA MANHÃ DE MARÇO

— Bons dias, vizinha Anastácia.
— Adeus, vizinha Quitéria.
Onde vai tão cedo, com o seu fato domingueiro, em dia de semana?

— Vou á desobriga. A vizinha Anastácia não sabe que estamos na Quaresma?
— «Quaresma... desobriga... Tenho uma vaga ideia dos meus pais falarem nisso, mas não sei já bem a significação da palavra «desobriga»...

— Ah! então já se esqueceu da religião dos seus pais? Olhe que a lei de Deus não mudou. A nossa obrigação é ainda a mesma. O preço da salvação não baixou. E fica-se tão contente!...

— A vizinha Quitéria tem estado em Lisboa, e é por isso que fala assim...

Por cá tudo mudou, há muitos anos... Eu sou ainda muito religiosa; não pense que não.

Vou ás novenas e ás procissões de velas, á semelhança de Fátima, mas o resto... dizem que já não é uso...

— Coitada! Tenho pena de si! Tem ouvido discursos maus e palavreados insensatos, e não tem ouvido repetir a doutrina que seus pais lhe ensinaram!

— Isso é que é verdade, vizinha Quitéria, porque no nosso concelho todo, que tem seis freguesias (com a da séde), só temos dois sacerdotes, e esses dois, mesmo, tem pouco que fazer.

Casam-se no Civil, baptizam-se no Civil, e só chamam o padre, alguns, para enterrar os mortos. Mas só depois de estarem bem mortos, o chamam.

— Tristes notícias me está dando, vizinha Anastácia: «Baptizam-se» no Civil, diz você, por não saber o que diz. Chamar baptismo a um registo, que nem cheira a Sacramento! E' um contracto como o da venda duma propriedade ou registo dum animal pelo qual tenha de pagar-se contribuição sumptuária (?).

Pobre povo, vizinha Anastácia! Como o cegaram!...

Vou ver se começo a ensinar doutrina ás crianças deste lugar, para depois as ir apresentar ao Sr. Prior...

— Pois vá, querida vizinha, que eu, quando puder, irei assistir, para reaprender o que esqueci.

— Venha, venha, vizinha Anastácia, e chame as suas filhas e as suas amigas, para virem todas aprender.

Ensinar a doutrina de Nosso Senhor, é a raiz de todo o apostolado: é o apostolado dos apostolados. Sem este, os outros não tem razão de existir.

O progresso espiritual duma freguesia avalia-se pelos baptizados, casamentos e enterros católicos, e não pelas novenas nem pelas procissões de velas.

— Tem razão, vizinha Quitéria. Os povos esqueceram-se de Deus, do Evangelho e é por isso que anda tudo tão mal governado e orientado! Agora vou entendendo. Deus lhe pague a bondade com que me ensinou.

Desculpe o tempo que a demorei. Como vai para a séde do concelho, que é longe, nem já chegará a tempo de se confessar.

— Se não me desobrigar hoje, voltarei lá ainda esta quaresma! E se me fôr impossível ir até á Páscoa, irei, pelo menos, até ao Domingo da Santíssima Trindade, que é a 26 de maio, neste ano.

Adeus, vizinha Anastácia. Nunca mais julgue que podé dizer-se religiosa a pes-

soa que não recebe os Sacramentos, que Deus nos deixou na sua igreja para nosso remédio espiritual.

Sem eles não há vida cristã. Impossível.

Rita

Aviso

Pedimos aos presados assignantes em divida o favor de mandarem satisfazer a sua assinatura directamente em carta registada ou vale do correio.

Não mandamos proceder á cobrança, além doutras razões, por nos parecer que todos serão tão interessados como nós na difusão e prosperidades do nosso jornalzinho. A assinatura são dez escudos por ano mas o que nos tem valido é a generosidade dalguns assignantes que nos tem enviado quantias muito superiores. Nem eles imaginam todo o bem que assim fazem.

Em qualquer reclamação é indispensável indicar o numero da assinatura. Pedimos que nos devolvam os numeros repetidos.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	140.612\$51
Papel, composição e impressão do n.º 77 (51.000 exemplares)	2.934\$75
Sêlos, embalagem, transportes, gravuras e outras despesas	1.020\$30
	144.567\$56

Subscrição

(Fevereiro de 1929)

Enviaram dez escudos (preço anual da assinatura): D. Ana Paula Aguiar de Figueiredo, António Aguiar Vaz de Mascarenhas, Dr. Joaquim Coelho Pereira, Henriqueta do Rosário Coelho Pereira, Maria F. Ferreira, Isabel da Glória Rodrigues, Laura do Carmo de Miranda e Melo, Florinda Ferreira Campelo, João Ribeiro Delgado, Maria Amélia Almada Albuquerque (15\$00), P.e Aurélio Martins de Faria (100\$00), Maria da Graça Serrasqueiro, Manuel Marques Alexandre, Maria José Lourenço Marcos, Hermínia de Jesus da Costa Lobato Pimentão, Flaúsinio e Claudio Esteves Correia Torres, Alcina Alcantara Matos e Silva, Isabel Teixeira de Matos, P.e M. Pombal Amorim (20\$00), Ana Madeira Cardoso Esteves, Antonio Pereira Dias, Alice Quintanilha e Mendonça, António Rodrigues da Bela (40\$00), Maria Candida J. M. de Freitas, Clara Pimenta, Maria Candida de Freitas, Paulo Campos de Oliveira, Maria José Vilhena, Virgínia de Fernelos, Laura Santos Lima (15\$00), Joana Emília Soares de Sampaio, Domingos S. Ferreira (20\$00), Maria Delfina Corte Real, Maria Camila Schröeter Viana Carneiro Pacheco (15\$00), Judit de Menezes, Maria Carlota M. Mancelos de Aragão (15\$00), João Ribeiro, Esmeraldina Calhancas, José Bastos, Arnaldo Narciso da Fonseca e Silva, Margarida de Sousa Santos, Beatriz Amaral Candeias, P.e Joaquim Sequeira Fialho, Maria Emília Neto, Albertina Vieira Simões, Teresa Barros, José Maria da C. Oliveira (de jornais: 155\$00), Maria Emília Tinoco Lobo, Emília Bouharde, Rosalina da Conceição Oliveira, Quina de Doutel, António de Almeida Fonseca Cabral (30\$00), Ilda Celeste Araujo, Luiza Isaura Araujo, Teresa de Jesus Quina, Maria Rsoa Figueiredo (12\$50), Benevenuta de Freitas Carvalho, Elisa Augusta Morais Braga Ramalho, Zulmira Rosa de Carvalho, Leonardo Francisco, Amelia Martins, Higino Henriques Pais, Tornida Rosa, Ermelinda Amelia Cabral Menezes, Maria da Conceição Rodrigues Fialho, Amélia Augusta de Jesus e Silva Garcia, Maria Isabel Rodrigues, Cecilia Baptista, Dionisia Pepe Pereira, Maria do Rosário Machado Cruz, Luzarina Augusta de Matos A. S. Pedro, Maria do Carmo Pinto, Maria José Batalha, Maria José, Maria Maxima F. de Castro Cravei-

ro, Adelaide dos Santos Gomes, Maria das Dores Pereira Coutinho Correia de Freitas, Maria das Dores de Orey Pereira Coutinho, Maria Cecilia Belmonte Gomes Neto, Deolinda da Silva Genrinho, Maria da Conceição, Maria Geralda da Luz Pereira (20\$00), Benjamim Antonio Ferreira (20\$00), João Pereira Marujo da Silva, Secundina Rebelo, Miguel Teixeira dos Santos, Ana de Assis Laranjeira de Medeiros, Maria Castelo Branco Canêdo, António Lopes, João Teixeira dos Santos, Adozinda Alves Ferreira.

Donativos e de distribuição de jornais: Angelo Maria da Costa (100\$00), Adriano Menezes (50\$00, este e os 13 nomes seguintes), Jaime Lino, tenente V. F. Fidalgo, Marçal A. Louzado, Antonio Coelho Junior, João Francisco Seixas, Rita Gonçalves, José Albino Castelo Branco, Jasso Correia da Silva, Capitão Augusto Guerra da Silva, Capitão Augusto Guerra, tenente Antonio Ferreira, tenente J. M. Vieira d'Azevedo, Fulgencio dos Santos, J. F. de M. Viegas, Romeu de Souza (40\$00), Maria Carolina Gomes (30\$00), sarg.to Antonio da Rocha Barbosa (30\$00), Maria do Rosário Maia (30\$00), Joaquim Carrasco (20\$00), este e mais os 13 nomes seguintes): Sebastião Miguel Nunes, M. Salvador de Carvalho, Joaquim de Carvalho, Eduardo do Rosário, sargento Manuel Francisco da Silva, Justina Marques, Adelaide Quintão Raposo, Virginia Nunes Shawalcach, Clementina Almeida Rodrigues Sara Fernandes, Vitorino Garcez, Julio Esteves, Albano Augusto, todos residentes em Africa (Tete); Maria Pedrosa Matias Ferreira (53\$50), Leopoldina Curado (30\$00), Antonio Vieira Leite (115\$00), Manuel Garcia Quinteiro (50\$00), P.e Antonio Correia Ferreira da Mota (90\$00), P.e José Vieira Alvernaz (160\$00), Viscondessa de Baçar (150\$00), Maria Boa Hora Bernardes (50\$00), Laura Teixeira Correia Branco (40\$00), Olimpia do Nascimento (35\$00), Angelina da Conceição Soares Matos Louzada 100\$00), Maria Izabel da Costa Bruno (18\$00), Elvira Penaforte Cardoso (100\$00), Felix Ferreira Alves (50\$00), Lucinda d'Oliveira Gabriel (39\$00), Ana Augusta de Freitas (70\$00), Joana da Gloria Pedroso Simões Alves (50\$00), Tertuliana de Jesus (30\$00), Maria Henriqueta Magalhães (83\$20), P.e Raul Camacho (2 dolars).

—«Senhor, respondeu este pobre homem, é clarissimo. Desde a minha infancia sei que Deu sé sabio, justo e bom. Desde a minha infancia soffro da cruel doença que me tem devorado uma grande parte do corpo. Sempre fui pobre...

Disse cá comigo: sem a vontade ou poder de Deus nada acontece. Nosso Senhor sabe melhor do que eu o que me convém, porque o Senhor ama-me como um pae ama seu filho...

Estou, pois, certo que estes sofrimentos são para o meu maior bem. E assim, estou acostumado a querer somente o que quer o meu amado e bom Senhor.

E, se Ele me envia doenças, recebo-as com alegria, como se elas fossem minhas irmãs. Se me dá saúde, aceito-a com prazer.

Se me não dá de comer, estou contente com jejuar para expiar os meus peccados e os dos outros.

Se não tenho que vestir, lembro-me do meu Salvador nú no presépio e na cruz, e acho-me muito mais rico que Ele.

Se soffro na terra, compreendo que hei de ser muito feliz no Céu.

Que mais lhe hei-de eu dizer? Estou sempre contente e se choro com um olho, rio-me com o outro porque quero tudo o que Deus quer e só desejo o cumprimento da sua santa vontade. Já vê que sou felicissimo, que nunca tive maus dias e que tenho tudo o que posso desejar.»

Taulero chorava em silencio... Nunca ele ouvira um sermão tão edificante. Uma capa que trazia deu-a ao pobre, deu-lhe a unica peça de moeda que lhe restava no bolso e, não obstante a grande ferida que o desgraçado tinha na cabeça, abraçou-o com efusão!

Entrou na igreja para agradecer a Deus por lhe ter ensinado o meio mais perfeito de o servir.

Dahi por deante imitou o mais que pôde esse santo pobre e tinha o costume de dizer recordando esta tocante aventura: «A felicidade é possível em todas as condições, tanto para o pobre como para o rico, para o doente como para o são.

A felicidade está no coração e não fora dele. Está na disposição e não na situação.

Façamos a vontade de Deus, amemos a Deus, e seremos felizes em qualquer situação que nos encontrarmos.»

Um segredo para ser feliz

Aos que imaginam que a vida lhes foi dada para gosar e desconhecem a consoladora doutrina da utilidade e necessidade do sofrimento, recomendamos a seguinte narração.

Existia no seculo quarto, na cidade de Colonia, um celebre pregador chamado João Taulero, famoso pela sciencia e pela caridade.

Um dia estava na igreja a pedir a Deus de todo o seu coração que lhe fizesse conhecer o melhor meio de o servir.

Acabada a oração, sae e vê um pobre a tiritar de frio num dos degraus da porta, esfarrapado e tão desfigurado que só olhar para ele excitava a piedade.

Tinha metade da cabeça roída por uma ulcera, tinha perdido um braço e uma perna e o corpo coberto de horriveis chagas.

Compadecido, Taulero aproxima-se desse desgraçado, puxa duma moeda de prata e sauda-o:

— Bom dia, caro amigo.

— Obrigado senhor (respondeu o pobre), mas eu nunca tive maus dias.

Taulero pensou que o desgraçado não o tinha compreendido e repetiu: «eu desejo-lhe um bom dia, desejo que seja feliz e que tenha tudo o que possa desejar.»

— Compreendi muito bem, senhor, replicou o mendigo, e agradeço-lhe a sua caridade, mas digo-lhe que ha muito o vosso desejo está satisfeito.

Taulero dizia lá consigo: este pobre homem perdeu a cabeça ou não ouve. Erguendo pois a voz, gritou: vossemecê não me entendeu; desejo que seja feliz.

— Ah, senhor, por Deus não se zangue. Eu já lhe disse que ouvi perfeitamente e repito-lhe que sou muito feliz e nunca tive maus dias.

Taulero teve-o por tolo durante alguns instantes. Notou porém, nas suas palavras um certo ar que lhe chamou a atenção.

Aproximou-se dele, assentou-se e pediu-lhe como candura que se explicasse melhor.

Um esplêndido sermão

Estava um dia á sua janela uma senhora fidalga, viuva e muito sensata, quando viu uma sua creada andar varrendo da loja para a rua, triste como a noite, córada como uma romã, e chorosa como uma Santa Maria Madalena.

Vae ter com ela e, com carinho, pergunta-lhe a razão da sua tristeza.

Era o caso que a boa da rapariga tinha nascido de gente considerada e em casa farta e em pequena tivera creada para a servir.

Por morte dos pais caíra na pobreza, o que a trazia a servir por casas alheias.

«Não me custa o trabalho (soluçava ela), o que me custa é a vergonha, andar aqui a varrer á vista de quanta gente passa...»

A senhora, sem enfado, toma-lhe das mãos a vassoura e põe-se a varrer desasombadamente a testada da casa.

Ficou a creada a principio, boquiaberta a olhar para ela; depois quiz tirar-lhe a vassoura.

«Deixa estar, filha, retorquiu a senhora, isto nada me custa, que vergonha é fazer a gente coisas uteis? Outros, que eram mais que tu e eu, as fizeram.

A virgem Maria (e mais era descendente de muitos reis e, emfim, era a Virgem Maria) tenho a certeza que tambem varria a sua casinha como tu ainda agora fazias. O filho de Deus, apesar de ser Filho de Deus e Senhor do Ceu e da terra, não viveu trinta anos em tamanha humildade, desde as palhinhas do presépio até ser preso, esbofetado e pregado na cruz?

Estou vendo que Ele não havia muita vez de tirar a vassoura das mãos de Sua Mãe Santissima para varrer em lugar d'Elas!...

Anda, filha, anda; não façamos nós coisas de que nos envergonhemos, que lá o trabalhar no que é necessário não é coisa que nos deva fazer corar.»

O sermão não fôra encomendado, mas foi pago; a creadinha que já era boa, ficou optima.

Confraria de Nossa Senhora de Fátima

Graças a Deus Nosso Senhor e à sua e nossa boa mãe do céu, Maria Santíssima, esta confraria fundada pelo venerando Bispo desta Diocese, tem aumentado muito em diversas regiões de Portugal. Quasi todos os dias a direcção recebe pedidos de listas e patentes para a admissão de novos confrades, que colectores e colectoras, cheios de zelo pela glória de Nossa Senhora, procuram angariar. E' clato que só Nossa Senhora agradecerá a essas almas zelosas o trabalho que tiverem para propagar esta obra de tão grande alcance espiritual; de maneira que a essas pessoas e a outras que lhe queiram seguir o exemplo, nós incitamos a que trabalhem sempre, cada vez com maior zelo, nesta obra que está ainda em principio, mas sempre com os olhos em Deus e Sua mãe Santíssima. Chamamos hoje a atenção dessas pessoas para a primeira das obrigações dos confrades, que está na 1.ª parte do artigo 4.º dos estatutos, e diz o seguinte: *Os confrades têm obrigação de viver cristamente.* Por isso os zelosos colectores não admitam nesta milicia da Virgem senão pessoas que vivam segundo os preceitos do Senhor. Também será muito do agrado de Nossa Senhora que todos os colectores e os confrades empreguem os esforços possíveis para cumprir o primeiro dos fins desta confraria, isto é: — *que trabalhem pela conversão dos pecadores.* E, de diversos modos podemos trabalhar na conversão dos pecadores nesta grande obra que foi a do próprio Jesus Cristo. Sim, porque foi para nos salvar que Nosso Senhor desceu à terra onde suportou sofrimentos horrorosos até que, pregado numa cruz expiroa exausto de sangue. Podemos trabalhar nesta obra de quatro modos: *pregando, aconselhando, dando bons exemplos e orando.* O primeiro modo nem todos podem pô-lo em prática, pois que só aos sacerdotes do Senhor foi dada a missão especial de pregar. Mas dar um bom conselho a uma pessoa que andar afastada do caminho do Senhor quasi todos o podem fazer, e quem o fizer terá sem dúvida uma recompensa eterna porque, se apenas um copo de água dado em nome de Jesus tem grande recompensa no céu, um bom conselho há-de necessariamente ter uma recompensa maior. Mas, se ainda nem todos tiverem a coragem e o desassombro necessários para dar um bom conselho, todos podem dar bons exemplos, e esta forma de apostolado é sem dúvida muito útil à obra de Deus. Nosso Senhor de vez em quando dava diversas ordens e conselhos a seus apóstolos e acrescentava: — *ut videant opera vestra bona et glorificent patrem vestrum qui in caelis est — para que vejam vossas obras boas e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus.* Por fim temos a oração ao alcance de todos tanto ricos como pobres, tanto sábios como ignorantes. Ninguém há que não possa orar pelos pobres pecadores. Oremos pois, todos e cada um de nós, por nossos irmãos afastados do caminho do Céu. Quem sabe se Deus estará à espera das nossas orações para dar a graça da conversão a muitas almas que sem o nosso auxilio morreriam impenitentes?! Trabalhem pois todos queridos confrades de Nossa Senhora com a palavra, com o exemplo e com as nossas orações pela conversão dos pecadores. Por eles todos Nosso Senhor derramou seu sangue até à ultima gota. E ainda que fosse por um só Nosso Senhor derramaria também como ele o revelou a uma alma sua fiel serva. Não queiramos, pois, consentir que por nosso descuido o demónio vá no inferno consolar-se de ter inutilizado o sangue de Jesus Cristo porque cada alma que se perde é um triunfo para o demónio pois uma alma vale tanto quanto vale o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo!!!

Silêncio... traidor

Na mesita ao meu lado estavam sentados uns doutores — professores do ensino secundário official. Um deles, a propósito de pedagogia pontificava na asneira contra a religião católica, contra a história, contra o simples bom senso. Os outros escutavam com um sorriso acaciano de aplauso e umas observações espirituosas... Conhecia eu alguns de trato e o pontífice apenas de nome e de vista. Um médico, meu amigo, sentado à minha mesa, notando que a

conversa dos *conspicuos* me aborrecia, elle, que não é religioso, disse-me com um sorriso: «Deixe-os lá! F. é um pateta! E os outros não vão longe!»

E eu, para me não incomodar... Calei-me!

Silêncio!
Não me devia ter calado! Reneguei, com o meu silencio comodista, a Cristo Jesus! Calar-me o mesmo foi que gritar: «Não o conheço! Podem vocês dizer, nê-se tom impertinente e adocicado, todo o mal que quizerem d'Ele e da sua Igreja; é me indiferente; não o conheço! Podem vocês planejar, a essa mesa de café, um programa torpe de ensinamentos do erro, de doutrinas venenosas, podem esboçar essa obra de educação dissolvente, caluniando a Igreja, falsando a história, retorcendo sofismas, que eu não estou para criar inimidades...; não conheço o homem de Nazareth!»

Se uma ou outra vez me ouviram palavras que pareciam denunciar-me como Galileu, talvez como discípulo desse Homem que arrata e perturba as multidões, isso... foi engano!

Não passou de uma aparência!
Vêde como estou calado!
O médico meu amigo olha para mim de soslaio. Apesar do que me disse, esse olhar é para mim uma intolerável censura. Levanto-me e retiro-me.

— Custou-lhe o ficar calado?
— Custou!

— Para a próxima vez não lhe direi nada e você poderá falar!
E foi-se.

Faltei eu, por esta vez, pois felizmente nem sempre isso me acontece, ao meu dever de cristão.
Um falso conceito da amizade, o comodismo, o respeito humano, uma ideia erradíssima do que seja a boa educação, o ridículo temor de não fazer uma brihan-te figura nas minhas réplicas permitiram àqueles homens, que são os educadores da nossa mocidade, o alargarem-se em considerações aleivosas e deprimentes feitas em voz alta, acompanhadas de sorrisos tólos, a respeito daquilo que eu julgo ser o Bem e a Verdade!

Enquanto existirem cristãos pusilânimes e cobardes como eu, os semeadores do mal terão o jôgo fácil!

Não! E' a ultima vez que tal me acontece.

Senhor! Perdoai a mentira da minha afirmação de que professo a doutrina e estou pronto a dar a vida por Vós e por ela! Ajudai-me a, pelo menos, ter a coragem das minhas convicções até o ponto de pôr de parte uns ridículos respeitos humanos.

Escolas obtidas em várias Igrejas quando da distribuição da «VOZ DA FATIMA»

Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, pela Ex.ma Sr.ª D. Noémia Rolo nos meses de Dezembro de 1928 e Janeiro de 1929 11\$00

Meros acasos...

Por uma estrada rural duma diocese espanhola caminhava há tempos a pequena velocidade um automóvel com o Prelado daquela diocese.

Num campo ao lado um camponês açoutava um pobre animal por ele não poder arrancar o carro demasiadamente carregado.

Mal o Prelado acabava de passar chega-lhe ao ouvido acompanhado do ruído mais forte a pronuncia duma horrrosa blasfémia.

Manda parar o automóvel, desce, dirige-se ao carroceiro, manda-o ajoelhar e deante dele de mãos erguidas disse repetidas vezes: «Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento» contra quem tinha pronunciado aquela horrrosa blasfémia.

Serviu-lhe de emenda. A chorar pediu perdão ao seu bispo e nunca mais se lhe ouviu pronunciar blasfémia alguma em toda a vida.

Se todos soubéssemos ter o zelo daquele Pastor não ouviríamos tantos palavões por essas oficinas, ruas e praças da nossa terra.

Saibamos todos ter a coragem de censurar os que nos nossos trabalhos por vezes se desmandam em linguagem.

E' necessário que cada um respeite o templo de Deus que é o seu próprio corpo, o seu companheiro e amigo que é o Anjo da Guarda e os ouvidos cristãos de tantos a quem esses palavões vão poluir.

Encantadora história de piedade infantil

A excelente revista *Hóstia*, órgão internacional da Cruzada Eucarística das Crianças, narra o seguinte facto que traduzimos livremente:

«Em 1885, o Padre Hall, redentorista, muito conhecido em toda a Inglaterra pela sua dedicação para com as crianças, foi fazer uma missão numa das mais insignificantes aldeias daquele reino. Segundo o seu costume, tomou à sua conta os pequeninos cuja atenção sabia prender com instruções muito singelas e interessantes. Notou o Padre que entre o seu auditório infantil havia rapazinhos tão pobres no vestido e no calçado, que alguns até nem sapatos traziam. Então, para animar e consolar os pequerruchos, o missionário começa a falar-lhes sobre a pobreza de Jesus. A pintura que dela fazia era tão ao vivo, que as crianças, enternecidas, se julgaram em presença da mesma realidade. — Meus amiguinhos, dizia-lhes depois o Padre Hall, o Menino Jesus também andava assim descalço como vós. Por isso é que Ele tem os pobres como mais predilectos do seu Coração do que os outros. Portanto não tenhais vergonha de andar descalços e mal vestidos... continuei a vir ao sermão.

Quando todos estavam já sufficientemente preparados para a primeira comunhão, o missionário dispoz tudo para esta grande solenidade. Chegado esse dia venturoso, lá se encaminha a pequenada toda para a igreja. As mães, coitadas! fizeram quanto lhes permitia a sua pobreza, para que os filhos fossem bem vestidos e aseados, mas ainda assim muitas das crianças tiveram de ir á primeira Comunhão de pés descalços. A missa era grande o recolhimento e devoção de todos. Depois da Comunhão do padre, o ajudante reza a Confissão, o sacerdote dá a absolvição e diz o *Domine non sum dignus*. Vai entrar Jesus na alma dos seus predilectos. Mas, com grande espanto do Padre Hall, nem uma só criança se aproxima da mesa sagrada. Que será?

Foi o seguinte. As crianças ricas vendo os meninos pobres sem calçado nos pés, tiveram uma ideia admirável que ninguém lhes sugeriu. Enquanto o missionário dizia as orações, tiraram botas e sapatos para irem receber o Senhor, descalços como as criancinhas pobres.

Ao dar pelo que se passava o Padre Hall desviou o rosto para o lado caindo-lhe ainda sobre o pé da pixide duas grandes lágrimas de comoção profunda. Entretanto as Crianças avançavam já para o altar de mãos postas, sorriso nos lábios, descalças todas, unidas, tanto as ricas como as pobres, nos mesmos sentimentos de amor á humildade de Jesus!»

Quantos dentre nós, os adultos, teriam animo para um acto como este de publica manifestação de humildade e de amor do próximo

Ah! a alma das crianças é um tesouro riquíssimo. Que bens para as almas, para a Igreja e para a Pátria se soubémos aproveitar tamanha riqueza inexplorada ainda em Portugal!

Conselhos de uma boa mãe a sua filha

1.º — Ama a tua mãe sobre todas as mulheres.

2.º — Não conserves pensamentos que tua mãe não possa conhecer nem praticar actos que ela não possa ver.

3.º — Declara-te antes culpada de uma falta, do que mentir hipocritamente.

4.º — Sê no lar o anjo que enxugue, com amor, as amarguras e cubra de alegria as tristezas.

5.º — Prefere a modestia à beleza. Sê boa sempre.

6.º — Tem convicções sinceras, fé pura, conhecimentos sólidos e sentimentos elevados.

7.º — Trabalha em tua casa como se não tivesses o auxilio de tua mãe. Pratica a tua vida como se Deus estivesse presente, e fazê diariamente a tua comunhão.

8.º — Aprende a falar sempre sem encolerizar-te, a sofrer e gozar sem extremos, e terás conseguido muito para seres feliz.

9.º — Habitua-te a ver em tua casa a mais agradável das residências e em teus pais os melhores amigos.

10.º — Trata e estima a todos os teus irmãos como a filhos, não te esqueças que, não sendo boa amiga, não serás boa esposa e não sendo boa filha, nunca poderás ser boa mãe.

Um bilhete postal para... Deus

Ao fazer-se a divisão da correspondência postal, na Central de Paris, um dos distribuidores encontrou um bilhete postal dirigido ao *Bom Deus*, concebido nestes termos.

«Senhor Bom Deus.

O papá está muito doente, e a mamã não pode cuidar dele porque morreu. Eu queria substitui-la mas sou tão pequeno! Assim pequeno não posso ganhar nada para a compra de remedios na farmácia. Vós que tudo podeis, ajudai-me, providenciai para que meu papá se cure.

Vosso respeitoso servo.»

O pequenino correspondente que tão ingenuamente se dirigira ao bom Deus, tivera o cuidado de assinar o seu nome e direcção. O distribuidor ao ler tão estranho postal hesitou sobre o destino a dar-lhe. Por fim, decidiu lançá-lo a esmo, no meio do pesado maço de correspondência, e partiu. Ao fazer a distribuição da correspondência de um abastado industrial, surgiu-lhe o postal em que não pensara mais. Hesitante sempre, pediu o auxilio do rico capitalista, no sentido de resolver a sorte a dar ao postal para o Bom Deus. O industrial leu, releu e pediu que lhe fosse entregue o singular postal.

Poucos dias depois, um seu empregado entrava em casa do pequeno signatário, entregando, em nome do Bom Deus, um envelope com 500 francos. A confiança do pequeno Eugénio foi assim recompensada. Deus não despreza nunca os que o invocam.

Sinite parvulos...

Hoje, em vez do costumado conto, irá uma serie de factos com a impressão que eles me causaram.

Aqueles que me lerem nada perderão. Trocar-se-lhes-há apenas o producto da minha pobre fantasia por alguns factos reais que, embora despidos de toda a roupagem literária e apresentados na quasi nudez da realidade, nem porisso deixam de ser impregnados de certo perfume e poesia que os tornam sobremaneira encantadores.

Ia então dizer missa a uma capelita dum lugar perto da minha terra.

Era um dia de primavera e o ceu, salpicado de pequenas nuvens róseas, annunciava o próximo apparecer do astro rei.

Estugava o passo que a missa era ao sol-fóra, e ia-me deliciando com a frescura daquele odor inebriante que na primavera se desprende de todos os cantos da terra, em qulaquer caminho das nossas aldeias.

E ia-me embecendo neste pensar: que a gente humilde dos campos, mesmo entre a lida das casas e o labutar das terras, é sem dúvida mais feliz porque, em contacto permanente com a natureza se eleva mais facilmente ao pensamento de Deus cujos louvores ouvem cantar por toda a parte.

Ha-de haver por aqui, decerto, almas excellentes, escondidas, desconhecidas que como violeta oculta por entre o folhado perfumam o ambiente espiritual em que vivem.

Reservava-me Nosso Senhor naquele dia uma consolação particularissima.

A' comunhão, entre as pessoas adultas de mãos erguidas e porte piedoso, joelhava-se á mesa sagrada um pequenito — tão pequenito que mesmo em pé não chegava ainda á altura da toalha.

Fui tentado a perguntar-lhe a idade, as disposições ou para mais depressa a differir-lhe a comunhão.

Mas, quando perto dele o olhei e reparei no seu porte tão recolhido, tão piedoso, tão atento, esvaíram-se-me todas as dúvidas.

Dei-lhe o Corpo de Nosso Senhor.

Ao caminhar para ele com a Hostia Sacrosanta aqueles olhitos que eu ainda não tinha visto levantaram-se-me para Ela com tanto amor, tanto carinho, tanta ternura que por eles lhe escapava toda a alma ao encontro do seu Jesus.

E aquela boquita que tão delicadamente se abria para o receber, sentindo-o em si, fechou-se e de tal maneira que com ela pareciam fechar-se para o mundo exterior todos os sentidos daquele pequenito que de cabeça baixa se ficou a falar interiormente com Jesús Sacramentado.

(Continua)